
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Pelotão em marcha passa em frente ao Palácio Presidencial Olímpio Campos, que aparece fechado. Aracaju, julho de 1924 | Foto: Acervo do Ten. José Correia ([Dantas, 2022, p.245](#)).

Clássico cinquentenário – Resenha de *O tenentismo em Sergipe (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930)*, de José Ibarê da Costa Dantas

Antônio Fernando de Araújo Sá (UFS)

Resumo: *O Tenentismo em Sergipe* (Da revolta de 1924 à Revolução de 1930), de José Ibarê Dantas, analisa o movimento tenentista em Sergipe e sua inserção nacional. Destaca-se pela originalidade, rigor documental e permanência como clássico da história da historiografia.

Palavras-chave: tenentismo; Sergipe; Revolução de 1930; Revolta de 1924.

O Tenentismo em Sergipe: Da revolta de 1924 à Revolução de 1930, de José Ibarê da Costa Dantas, completou recentemente 50 anos de lançamento. O livro, que está em sua terceira edição (1974, 1999 e 2022) e cujo título é autoexplicativo, pode ser considerado um clássico.



Para o historiador espanhol Jaume Aurell (2021), um clássico se caracteriza por sua durabilidade – uma "qualidade empírica de preservação, longevidade e perpetuação de certos textos históricos que superaram a passagem do tempo". Segundo sua proposta, os escritos históricos duráveis, em sua sinfonia polifônica de perspectivas temporais, constroem textos que abrem uma multiplicidade de perspectivas para os leitores. Se a natureza epistêmica restrita da história pode explicar por que a durabilidade é mais difícil de alcançar em termos históricos do que em textos literários, não podemos esquecer que a junção entre as dimensões epistêmica, ética e estética constitui a base para a construção das obras duráveis da historiografia (Aurell, 2018, p. 53).

A obra *O Tenentismo em Sergipe* atende a esses pressupostos da noção de durabilidade, mantendo-se ao longo da passagem do tempo com a mesma qualidade empírica da pesquisa histórica desde seu lançamento em 1974. As pesquisas recentes não apenas validaram como reforçaram o conhecimento histórico por parte do historiador, pautado “nas regras metódicas e transformadas em saber histórico com conteúdo empírico” (Rüsen, 2001, p. 34).

Tratando-a como um “marco da historiografia sergipana”, à época da publicação, Luiz Mott (1975, p. 367) ressaltou a “grande acuidade e precisão no arcabouço teórico”, enfatizando o extenso levantamento documental, que incluía mensagens e relatórios presidenciais à Assembleia Legislativa (1901-1930), cartas, telegramas e anotações pessoais do líder tenentista e entrevistas com participantes do movimento em Sergipe, além de atualizada bibliografia nacional. Para Mott, talvez a melhor contribuição da obra fosse o estabelecimento da comparação com as rebeliões tenentistas em outros estados da Federação.

À época da crítica de Mott, meados dos anos 1970, a historiografia brasileira tinha como um dos objetos marcantes a história regional, ainda que a história contemporânea do Brasil não alcançasse um número razoável de trabalhos. Esse diálogo entre história regional e contexto nacional foi percebido, na obra de Dantas, por Maria Cecília Spina Forjaz (1975, p. 95), ao afirmar que as teses do autor se basearam na confluência de duas forças históricas: “uma exógena, o tenentismo como fenômeno nacional, e outra endógena, representada pela aspiração de mudança política, que, embora sufocada em 1906 voltava a se manifestar sob formas novas na década de 20”.

Foi sob o influxo dessa historiografia nacional – e nas iniciativas de institucionalização dos estudos históricos em Sergipe – que Ibarê Dantas produziu uma obra original sobre a história do Brasil contemporâneo, mesmo que a tenha produzida à margem da universidade, tomando o tenentismo como mote para o processo de contemporaneização do passado na historiografia sergipana. Como pesquisador diletante, o autor exorcizou os “fantasmas da subjetividade” das formas positivistas de produção do conhecimento histórico, buscando a compreensão do presente, com base em novos conceitos e métodos de pesquisa (Diehl, 1999, p. 249-250).

Além disso, Dantas considerou a narrativa como parte substancial da construção do texto, atribuindo “às formas de apresentação”, como afirma J. Rüsen (2002, p. 34), “uma função tão fundamental quanto a que se atribui aos interesses, às ideias e aos métodos”. Essa dimensão não foi aventada à época da publicação mas, ao longo das duas décadas seguintes, retomou seu lugar como elemento constituinte da operação historiográfica.

Assim, a busca por compreender “o ambiente estadual, investigando suas origens, a eclosão e as repercussões internas, inclusive o envolvimento de parte da população com a ação dos *tenentes*” (Dantas, 1999, p. 8) trazia consigo a preocupação com a história política que, de certo modo, destoava das perspectivas teóricas presentes na historiografia brasileira.

Naquele momento, predominavam as vertentes dos Annales e o marxismo, ao lado da presença de historiadores norte-americanos na escrita contemporânea da história do Brasil.

Narrativa e história política, portanto, se encontram coerentemente na escolha do fio condutor e do aparato de evidências. Para Ibarê, o papel do líder da Revolta Tenentista em Sergipe foi o ponto de partida na definição da escolha de entrevistas com onze personagens contemporâneos e/ou sobreviventes do movimento, resultando na construção do relato sobre o desenrolar das revoltas de 1924 e 1926 e seus desdobramentos até 1930. Essa opção metodológica evidencia uma dimensão renovadora não tão comum à historiografia da época.

Embora realizada por um historiador até então diletante, a obra inaugural de Ibarê Dantas pode ser considerada como um dos indícios da renovação dos métodos e técnicas da pesquisa histórica em Sergipe, demonstrando seriedade profissional no trato dos documentos e o cuidado em fundir aspectos teóricos e práticos do fazer histórico e historiográfico.

Além disso, seu livro traz elementos para analisarmos como a intervenção militar na política brasileira se faz presente ao longo da história republicana, demonstrando que o processo de construção democrática tem sido marcado pela persistência de uma cultura política autoritária, como evidenciado na crise política da Nova República a partir de 2013, com seus desdobramentos no golpe parlamentar de 2016 e na tentativa bolsonarista de janeiro de 2023.

Passados cinquenta anos de sua publicação, o livro de Ibarê Dantas permanece como fonte historiográfica e exercício metodológico que estimula e fundamenta um diálogo com as lacunas apresentadas pela nova geração de historiadores do tenentismo. Assim, mantém-se como referência incontornável, mesmo que não tenha pretendido transcender o seu tempo.

Referências

AURELL, Jaume. What is a classic in history? *Journal of the Philosophy of History*, v. 16, n. 1, p. 54-91, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1163/18722636-12341454>.

AURELL, Jaume. Writing beyond time: the durability of historical texts. *History and Theory*, v. 56, Theme Issue 56, p. 50-70, Dec. 2018.

DANTAS, José Ibarê Costa. *O tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à Revolução de 1930*. Petrópolis: Vozes, 1974.

DANTAS, José Ibarê Costa. *O tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à Revolução de 1930*. 2. ed. Aracaju: J. Andrade, 1999.

DANTAS, José Ibarê Costa. *O tenentismo em Sergipe: da revolta de 1924 à Revolução de 1930*. 3. ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

FORJAZ, M. C. S. O tenentismo em Sergipe. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 92–95, 1975. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/39745> . Acesso em: 16 sep. 2024.

MOTT, Luiz. O tenentismo em Sergipe. *Hispanic American Historical Review*, v. 55, n. 2, p. 367-369, 1975. DOI: <https://doi.org/10.1215/00182168-55.2.367>.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história – formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2007.

Sumário de *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930*

Bicentenário da Independência do Brasil

Prefácio à terceira edição

Prefácio à segunda edição

Prefácio à Primeira edição

Introdução

I. Sergipe em inícios da década de 1920

1. A situação política

2. A situação econômica

3. A situação social

4. A imprensa e as manifestações divergentes

II. A emergência do Tenentismo e a Revolta de 1924

1. A formação do Tenentismo nacional

2. Inícios do Tenentismo em Sergipe

3. Reflexos da Revolta de São Paulo em Sergipe

4. A Revolta de 13 de julho

5. Reação e triunfo dos legalistas

6. Os tenentes processados

III. A Revolta de 1926 e a continuidade do Tenentismo

1. Maynard e a Revolta de 19 de janeiro

2. Os vencidos em degredo

3. Modificações políticas e acomodações

4. O crepúsculo da velha ordem

5. A Revolução de 1930

7. A conjuntura política depois da Revolta

IV. Conclusões

Fontes e bibliografia

Apêndices

Anexos

Resenhista



Antônio Fernando de Araújo Sá é doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB), professor do Departamento de História e do Mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe e editor da *Ponta de Lança* – Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura. Publicou, entre outros títulos, *Rio Sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco* (2018) e *Entre sertões e representações: ensaios e estudos* (2021). ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4761668150681726>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6496-4456>; E-mail: fernandosa1965@gmail.com.

Para citar esta resenha

DANTAS, José Ibarê Costa. *O tenentismo em Sergipe*. (Da revolta de 1924 à Revolução de 1930). Petrópolis: Vozes, 1974. Resenha de: SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Clássico cinquentenário. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 43-47, jul./ago., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).